



1290001230



FE

TCC/UNICAMP B231a

MONOGRAFIA: Apresentada como exigência para aprovação no Curso de Sistemática do Trabalho Individual e de Grupo.

EP - 150

CRISTINA DE CARVALHO BARÃO✓

- Faculdade de Educação

Curso de Pedagogia.

Unicamp - 1989

"... e se muito vale o já feito,
mais vale o que será. E o que
foi feito é preciso conhecer pa
ra melhor prosseguir."

Milton Nascimento

ÍNDICE

	PG
1 - INTRODUÇÃO.....	01
2 - MÉTODOS MAIS UTILIZADOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO...	03
2.1. Classificação.....	03
2.2. Métodos Sintéticos.....	04
2.3 Métodos Analíticos.....	09
2.4. Conclusões gerais a respeito dos dois grupos.....	13
2.5. Método Natural.....	13
3 - DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO EDUCADOR E EDUCANDO.....	16
3.1. Formação do Educador.....	19
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.....	28
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	29

1 - INTRODUÇÃO

Alfabetização no Contexto Educacional Brasileiro

O analfabetismo no Brasil é um problema sério, de remota e difícil solução. Mais importante se torna, quando se vincula a educação ao desenvolvimento.

Apesar de considerar a educação como um dos mecanismos do desenvolvimento social, econômico e político, não se pode deduzir que uma expansão quantitativa da educação corresponda ao desenvolvimento da educação.

Para que se tenha esse desenvolvimento, é necessário adaptações estruturais, novos métodos pedagógicos, mudanças nas relações professores-alunos, uma análise das matérias ensinadas, em relação ao ambiente sócio-político-econômico, como uma conseqüente mudança dos currículos escolares e, principalmente, uma democratização efetiva da educação.

A expansão educacional brasileira se encontra em desequilíbrio, impedindo o desenvolvimento da sociedade e a carretando a injustiça social.

Entretanto, quanto mais se fala do desenvolvimento e da expansão do nosso sistema educacional, nota-se a grande camada da população marginalizada do próprio sistema educacional, e também do sistema de produção e setores modernos da economia.

A educação deve alcançar os segmentos da população à margem das necessidades do desenvolvimento, e pode

funcionar como fator de distribuição mais equitativa e justa da riqueza criada.

Constata-se entretanto que, ao desenvolvimento econômico brasileiro não corresponde um desenvolvimento social harmônico. Esta transformação e crescimento econômico não atinge a maioria dos brasileiros, uma vez que o verdadeiro significado do desenvolvimento deve ser avaliado em termos de prosperidade e desenvolvimento do povo.

Uma outra característica da educação brasileira é que ela se realizou e vem se realizando em função do sistema capitalista de produção e por isso ela é uma educação dominadora. Nesse tipo de educação há uma diferença específica entre o educando e o educador.

No contexto brasileiro desconhece-se, portanto, o enfoque pedagógico de que a educação é sempre um diálogo, que envolve situações concretas, de ordem pessoal, política, econômica e cultural, entre educador e educando.

Esta educação cria e prepara homens bem acomodados, convencionais, sem iniciativa, sem espírito crítico ou dinâmico para transformar a sociedade que cria divisões e estabelece a concorrência. Como resultado disso, surgem homens que só defendem seus próprios interesses e só acham oportunidades que dão mais lucro. São incapazes de enfrentar dificuldades ou promover o desenvolvimento.

A educação dominadora prepara pessoas que irão se enquadrar no seu sistema, e assegurar a sua continuidade e é privilégio da classe dominante.

Conclui-se que a educação dominadora considera o educando como um objeto, não havendo interação entre educa-

dor e educando. Este não passa de um "banco" onde se vão depositando conhecimentos.

É uma educação que cria indivíduos dependentes e oprimidos, que os conduz à massificação em vez de levá-los à emancipação.

A problemática da alfabetização, neste contexto brasileiro, é que ela é ^{insuficiente} quantitativamente e qualitativamente.

Ela visa apenas a aprendizagem mecânica das técnicas de ler e escrever, levando a consciência a se canalizar só em função da permanência do "status quo".

A base da alfabetização e da educação em geral deve ser o objetivo da liberdade, referindo-se ao ser-sujeito despertando a consciência emancipadora, pois esta é a que transforma a estrutura sócio-econômica e cultural.

2 - MÉTODOS MAIS UTILIZADOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

2.1. Classificação

Um dos problemas mais sérios da educação brasileira atual tem sido considerado o alto índice de fracasso escolar e a conseqüente evasão dos alunos nas séries iniciais do primeiro grau.

A alfabetização e seus métodos têm sido alvo de inúmeras críticas por parte de professores e especialistas em educação, ao se verificar os elevados índices de repetên

cia e evasão nos primeiros anos escolares.

Constata-se que, tanto nas escolas privadas como públicas, os métodos mais tradicionais ou convencionais de alfabetização (sintéticos e analíticos) são ainda difundidos e utilizados; apesar das inúmeras pesquisas realizadas sobre eles, apontando suas desvantagens e limitações e orientando para a necessidade de um processo de alfabetização em que as necessidades e a realidade da criança, com que se trabalha, sejam consideradas durante a apropriação dos mecanismos de leitura e escrita.

Os métodos de alfabetização foram divididos em dois grandes grupos, em função das bases psicológicas envolvidas no processo de aprendizagem.

No primeiro grupo, estão os que têm como base o processo mental de síntese. Tais métodos levam o aluno a combinar elementos isolados da língua (sons, letra, sílabas) em maiores tons (palavras e frases). Enfatizam o conhecimento prévio dos elementos que constituem a palavra.

No segundo, estão os que tem como base, o processo mental de análise. Estes levam o aluno a compreender unidades linguísticas maiores (palavras ou frases), para que; a partir daí; destaquem os elementos menores. Enfatizam a compreensão do que foi lido.

Outras terminologias também são difundidas, porém as citadas acima são as mais utilizadas, na maioria das escolas públicas e privadas.

2.2. Métodos Sintéticos

a) Justificativas de seus seguidores

Esses métodos são considerados mais rápidos para dar ao aluno a capacidade de reconhecimento de palavras, deixando, assim, mais tempo para o treino da leitura.

b) Críticas

- A apresentação das partes da palavra, contraria o processo natural de reconhecimento (percepção da forma).
- Por serem, método e palavra, impostos pelo professor, afastam o vocabulário de interesse da criança.
- A criança se desinteressa pela leitura, por causa do excesso de concentração na percepção de detalhes.
- Dificultam a interpretação de combinações complexas.

c) Conclusão

São métodos lentos, pois a leitura só se concretizará, verdadeiramente, numa segunda fase de treinamento. Na primeira, os alunos tornam-se capazes de decifrar letras e combinações.

2.2.1. Método Alfabético

a) Histórico

Esse método foi empregado desde os tempos da Grécia e Roma antigas até o fim da Idade Média.

Foi divulgado durante muito tempo na América do Norte, graças à capacidade empresarial dos Estados Unidos.

b) Procedimento Didático

Inicialmente, era ensinado o nome das letras e suas formas em sequência alfabética.

As letras eram, depois apresentadas em combinações 2 a 2 e deviam ser pronunciadas, pelo aluno, simultaneamente ao reconhecimento de sua forma gráfica.

Mais tarde, as combinações ampliavam-se em grupos de 3, 4 e 5 letras, e, finalmente, eram treinadas as sílabas e as palavras.

A aprendizagem tinha como base a repetição.

c) Críticas

- Nem sempre os nomes das letras correspondem ao som que deve ser emitido. Ex: "f", "n";
- Estabelece o desinteresse pela leitura, pelo seu árduo e desinteressante exercício;

2.2.2. Método Fônico

a) Histórico

Passou a ser adotado em lugar do alfabético na tentativa de superar a dificuldade daquele, por causa da diferença entre o nome e o som da letra.

b) Procedimento Didático

Os sons das letras são ensinados isoladamente e depois reunidos em sílabas.

As sílabas são reunidas e aprendidas em conjuntos maiores, as palavras. Mais tarde, as palavras aparecem formando frases.

O método insiste numa forte repetição.

c) Vantagens

- uso do som da letra no reconhecimento da palavra;

- organização lógica;
- econômico (exige pouco material);
- fácil de ser aplicado.

d) Desvantagens

- A dificuldade na percepção do som da consoante provoca a troca de letras na fase de formação de palavras novas;
- Não é praticado num grande número de línguas;
- Conhecimento restrito a combinações de consoante e vogal;
- Nos primeiros estágios, onde todas as palavras são decifradas som por som pouca ou nenhuma leitura pode ocorrer.

e) Evolução (mudanças introduzidas)

Muitas mudanças foram introduzidas na tentativa de ajudar o aluno na memorização dos sons das letras, por exemplo:

- apoio na gravura, ilustrando sequência de letras para indicar o som;
- apresentação simultânea de som/letra dentro da estrutura audiovisual da palavra;
- utilização do recurso visual da cor para destacar as letras

O método apresenta características próximas de um processo "analítico-sintético", em consequência do avanço da Psicologia e da Linguística.

2.2.3. Método Silábico

a) Histórico

Foi baseado no princípio que só a sílaba, e não as letras, serve como unidade linguística para o ensino da

leitura.

Presta-se ao ensino das línguas silábicas, como o português e o espanhol.

b) Procedimento Didático

As vogais são apresentadas sozinhas e depois combinadas entre si. Depois as consoantes são apresentadas em ordem alfabética, iniciando-se os agrupamentos de sílabas ' na ordem a-e-i-o-u.

O ensino é extremamente repetitivo.

c) Vantagens

- qualquer pessoa alfabetizada pode ensinar a outra;
- utiliza muito pouco material didático;
- é de fácil aplicação;
- propicia o ataque a palavras novas em pouco tempo.

d) Desvantagens

- a apresentação do material é realizada em oposição à maneira de aprender da criança;
- os professores que ensinam por este método tendem a oferecer resistência à inovação;
- sobrecarga à memória infantil nos primeiros estágios;
- o aluno tende a perder o interesse pela leitura;
- a formação das palavras novas depende das sílabas já conhecidas;
- o desenvolvimento da linguagem/pensamento/comunicação da criança sofre uma repressão-bitolamento.

e) Evolução

Uma adaptação do método silábico é o "Psico-fonêmico", onde o som das letras e das sílabas é retirado de pa

lavras conhecidas, através de análise comparativa.

2.3. Metodos Analíticos

a) Justificativas dos Seguidores destes Métodos

Baseiam-se no conceito de que a leitura deve lidar com unidades linguísticas significativas, e que a percepção se faz do todo para as partes.

A aprendizagem é interessante, e oferece satisfação (produz sensação de ler), mantendo o interesse ligado à leitura.

b) Acusações e Críticas

Foi muito frequentemente negligenciado o reconhecimento das partes componentes da palavra.

Professores mal preparados, encontram sérias dificuldades no emprego de um método analítico.

Não é um procedimento lógico para o adulto.

2.3.1. Método da Palavração

a) Histórico

Este método nasceu da revolta contra os métodos formais, grandes especialistas apontam algumas vantagens a seu favor:

- a palavra é simultaneamente unidade da língua e do pensamento;
- o enfoque da leitura deve ser dado ao significado do que está escrito;

- a aprendizagem de palavras como um todo, corresponde à forma como as crianças aprendem.

b) Características e Procedimentos

As palavras são apresentadas em agrupamentos, e os alunos aprendem a reconhecê-los pela visualização.

No início, as figuras acompanham as palavras. A atenção é dirigida, também, aos detalhes da palavra (sílabas, letras).

A repetição estabelece a memorização.

c) Desvantagens

- falhas no desenvolvimento da habilidade enfrentar palavras novas;
- tendência dos professores de omitirem a análise dos componentes da palavra;
- acarretam lentidão no processo.

d) Evolução

Foram criados materiais e procedimentos para superar a forma cansativa de apresentação de palavras, como por exemplo:

- os cartões para fixação: palavra de um lado e gravura do outro;
- exercícios cinestésicos para o ensino do movimento da escrita.

2.3.2. Método da Sentenciação

a) Histórico

A sentenciação representa o 3º estágio na evolu-

ção dos métodos analíticos.

Alguns argumentos a seu favor:

- a sentença é a verdadeira unidade da língua;
- a sentença expressa uma idéia completa, que é a unidade básica na elaboração do pensamento.

A entonação e jogo de pausas fazem parte da sentença.

b) Procedimentos Básicos

Primeiramente, a atenção é dirigida a algum assunto do interesse da classe.

O 2º passo é fazer o registro de uma das afirmações obtidas dos alunos.

Em seguida, o professor lê com entonação e os alunos são orientados a procurar palavras semelhantes dentro da sentença. Depois da 2ª ou 3ª lição, começam a formar os grupos de palavras semelhantes às primeiras.

Finalmente, os alunos são levados a isolar elementos conhecidos nas palavras e, assim, a enfrentar leitura de palavras novas.

c) Vantagens

- atende aos princípios da percepção e modernos conceitos estruturalistas da aprendizagem;
- cultiva hábitos e atitudes inteligentes de leitura;
- enfatiza o conteúdo ideativo-mensagem;
- desenvolve e aperfeiçoa os mecanismos corretor da leitura

d) Desvantagens

- dificuldade em manter relacionados os assuntos do interessante da turma, e o vocabulário a ser estudado;

- dificuldade em dar atenção necessária à análise das palavras, pelo excesso de tempo gasto com a memorização de sentenças.

2.3.3. Método Historiado

a) Histórico/características

O método historiado representa uma extensão do método de sentenças.

Apresenta uma sequência de sentenças organizadas em forma de história. A história contém uma série de eventos, com princípio, meio e fim, despertando facilmente a curiosidade do aluno na leitura.

O aluno é treinado para a habilidade de seguir uma sequência de idéias, relacionando-as entre si e mantendo-as na memória.

O método oferece oportunidade de discussão sobre cada evento que se sucede na narrativa.

b) Desvantagens

- a apresentação fixa das sentenças na cartilha, leva o aluno a decorá-las, desenvolvendo o hábito de "advinhar" as frases;
- reduz a possibilidade de desenvolver habilidade de enfrentar novos textos;
- difícil aplicação no ensino de adultos;
- apresenta, também, as deficiências relacionadas aos métodos de sentencição e palavração.

2.4. Conclusões Gerais a Respeito dos Dois Grupos

a) Grupo I

As adaptações do fônico se revelaram mais capazes de desenvolver habilidades de reconhecimento pronto da palavra. Estas habilidades, porém, se mantêm em oposição ao natural processo de aprendizagem.

b) Grupo II

O historiado revelou ser o método mais capaz de desenvolver habilidades necessárias à leitura inteligente. O desenvolvimento dessas habilidades vem sendo realizado, negligenciando-se o desenvolvimento da capacidade em atacar palavras novas.

. . .

2.5. Método Natural: Uma contraposição aos métodos sintéticos e analíticos.

a) Histórico

Foi criado por Heloísa Marinho, objetivando evitar as falhas dos métodos existentes e manter suas vantagens.

b) Materiais Novos

Alguns materiais foram criados ou aperfeiçoados a fim de serem utilizados em atividades de livre-escolha, com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura com compreensão.

Alguns exemplos:

- "Pré-livro" - uma pequena história escrita, com um deter-

minado vocabulário (incluindo todos os sons da língua).

- "Quadro-de-Pregas" - permite treinar estruturas linguísticas, utilizando pequenos grupos de palavras e expressões.
- "Visor-Fonético" - tem como objetivo desenvolver habilidades de reconhecimento dos sons e letras dentro da palavra, mantendo unidas sua melodia oral, seu significado e estrutura visual.

c) Bases

É uma metodologia altamente especializada do ensino da leitura e da escrita, genuinamente brasileira.

É classificada como "Estruturalista", pois está assentada sobre bases estruturalistas da aprendizagem (Gestalt), dando ênfase à compreensão durante todo o processo.

Transformou o ensino da escrita num processo natural, simples e conseguiu manter as vantagens dos métodos analíticos e as do fônico, trabalhando as palavras dentro de estruturas maiores (frase, sentença, histórias).

d) Vantagens

- interesse aliado a esforço;
- disciplina natural, decorrente da ocupação interessada da criança.
- organização da atividade pela própria criança;
- conteúdo baseado em situações sociais da vida do grupo;
- exploração do vocabulário da turma;
- adaptação de dificuldades ao nível de desenvolvimento de cada criança;
- adequação à criança comum brasileira;
- similaridade entre o processo natural de desenvolvimento,

o processo de aprendizagem em geral e o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

e) Desvantagens

- necessidade de formação especializada do professor;
- custos mais elevados do material;
- necessidade de confecção artesanal do material.

f) Procedimento Didático

O processo fundamenta-se na linguagem oral, que é estimulada a desenvolver-se através de situações sociais da vida em grupo, e do trabalho diversificado.

O ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é realizado como processo de comunicação de idéias.

A metodologia consiste no emprego de materiais específicos, com o objetivo de estimular o desenvolvimento de habilidades essenciais à aprendizagem da leitura e escrita.

As crianças trabalham com os materiais de 50 a 60 minutos diários. 10 a 20 minutos são destinados a atividades, como: histórias, lançamento de palavras etc., além de recreação ao ar livre, merenda e outras.

A possibilidade de escolha do material pela criança e a organização da atividade e sua própria maneira favorecem:

- disciplina natural decorrente do interesse;
- concentração da atenção na atividade;
- desenvolvimento de habilidade intelectuais, sociais e motoras desejáveis à formação de um leitor inteligente;
- desenvolvimento do gosto pela leitura.

Um fato característico do método é a não existen-

cia de fases ou etapas definidas; a organização das atividades é orientada pela sequência natural dos comportamentos.

A sequência dos comportamentos é a seguinte:

- a criança incorpora o significado da escrita como registro de idéias;
- descobre semelhanças e diferenças entre sons dentro de palavras faladas;
- lê "intuitivamente" textos formados por 2 a 5 orações;
- escreves frases e textos com as palavras do vocabulário conhecido;
- descobre o valor sonoro de cada parte da palavra lida, através da análise estrutural e audiovisual da palavra escrita;
- relaciona cada som ao seu sinal gráfico correspondente, através da análise comparativa;
- escreve com letra cursiva, de forma legível.

3 - DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO EDUCADOR E EDUCANDO

Os erros cometidos pelo professor devem ser considerados mais graves que os dos outros profissionais, pois geram o congelamento da consciência de vários alunos. Esse congelamento constitui uma barreira à existência autêntica, podendo, então, o erro pedagógico ser considerado um instrumento mortal. A paralização da experiência é igual ou até pior que a própria morte física.

Se os erros pedagógicos persistirem durante a trajetória acadêmica de um profissional qualquer, poderá acar-

retar vários danos para as pessoas que se deixarem envolver por tais profissionais.

Existem vários fatores que levam à má formação de professores.

Muitos indivíduos não refletem criticamente sobre o fator educacional, objetivando apenas um diploma e o status. Assim, não questionam as propostas de ensino, nem que o curso exija muito em termos de leitura, criação e reflexão. O ganhar a vida sobrepuja o "pensar criticamente", ficando sem importância alguma a autenticidade do processo educacional.

A proliferação indiscriminada de faculdades, inclusive as "faculdades de fim de semana", contribui muito para este estado de coisas.

Em tais "instituições de ensino", há farta distribuição de diplomas, principalmente na área de ciências humanas, resultando no aparecimento de pseudoprofissionais para inflacionar o mercado de trabalho.

Há, ainda, uma alta rotatividade de professores. Nenhum professor consciente fica nesse verdadeiro "motel educacional", pois não consegue suportar as incoerências do sistema: classes superlotadas, pseudoavaliação dos alunos, currículo desmantelado, alunos paraquedistas, etc. A consequência disso é o baixo nível de ensino e, o que é muito mais grave, os profissionais que, saídos dessas faculdades, adentram a sociedade sem nenhuma base formativa ou informativa.

Porém, enquanto certas profissões desenvolveram

mecanismos de defesa visando à minimização de erros (estágios, períodos de observação e experiência etc), o professor continua aprendendo na prática, isto é, colocando seus alunos na situação de simples cobaias. Tais professores trazem fórmulas prontas para experimentar nos seus alunos e pouco ou nada exigem deles, o que causa o abandono da escola por parte de grande número de alunos (estes, desiludidos devido a redundâncias nos programas de ensino).

Outro fator que contribui para a má formação do professor é o uso de chavões tradicionais falados nas disciplinas pedagógicas que, por excesso de repetição, perderam o sentido. Frases como "preparar o aluno para viver em sociedade", "desenvolver o senso crítico do aluno", são comumente encontradas na parte dedicada aos objetivos gerais dos programas de ensino. Raros são os professores que tentam refletir sobre o que é viver em sociedade, o que é senso crítico, e, por este motivo, os planejamentos de ensino acabam ficando só no papel. O que constitui a parte fundamental da organização de um programa de ensino - o estabelecimento de objetivos, muitas vezes é visto como uma oportunidade para se repetir os velhos chavões.

A repetição de planejamentos de ano para ano, contraria o que o bom senso diz, ou seja, que deve haver flexibilidade e avaliação naquilo e daquilo que se planeja. Se o professor não tomar cuidado com o que vai ensinar, poderá estar preparando o aluno para uma sociedade passada, fora da realidade, o que vai levar ao não avanço da sociedade a não transformação cultural, etc.

Ao iniciar o processo de planejamento para uma determinada série escolar, o professor deve pressupor um conjunto de conhecimentos anteriormente adquirido pelo aluno, a fim de que comece a ensinar a partir daquilo que o aluno já sabe. Com essa continuidade, o professor iria preparando a estrutura cognitiva dos alunos para conhecimentos posteriores. Assim, a nível curricular, a integração dos professores das diversas séries ganha um caráter muito importante.

Contudo, isso está longe de acontecer na prática pedagógica concreta. A alta rotatividade de professores em uma instituição, destrói, na base, qualquer proposta curricular e faz e faz que se torne muito difícil planejar a partir daquilo que o aluno já sabe. E, assim, a qualidade do ensino e da aprendizagem vai ficando cada vez mais baixa.

3.1. Formação do Professor

A competência do professor, o seu valor para o indivíduo e para sociedade como elemento formador das gerações novas e como base imprescindível da ação da escola e da estruturação das comunidades, tem sido preocupação de todos os grupos humanos, em todos os tempos.

Seja qual for o ambiente, o ritmo de evolução das comunidades sociais, suas características étnicas, econômicas, políticas, a necessidade do professor, como elemento indispensável para as conquistas do indivíduo e das coletividades, permanece inalterável.

A história tem demonstrado que a evolução dos homens em ambientes diversificados biológica e socialmente, tem solicitado aos professores, trabalhos que correspondam às exigências da sua realidade.

Isso explica a importância da formação profissional do magistério nos dias atuais, em função de uma filosofia educacional que nada mais é do que o extrato da história e da maneira de viver dos seres humanos em diferentes meios culturais.

Muitos têm discutido o fracasso escolar, a má qualidade do ensino em todos os níveis, principalmente nas séries iniciais do 1º grau, o mau desempenho do professor, a ineficiência das instituições encarregadas da formação do profissional do magistério. Muitas iniciativas, também têm sido levadas a efeito em termos, de atualização, treinamentos em ação ou de outra natureza; porém, os efeitos não têm sido significativos.

Baixo rendimento da clientela e conseqüente fracasso escolar; necessidade de adaptação de conteúdos, metodologias de ensino e de avaliação, falta de adaptação de conteúdos e as necessidades da clientela são problemas que o professor ou o futuro professor deve enfrentar.

- Terá ele condições ou capacitação técnica para isso?
- Dispõe de conhecimentos didáticos e metodológicos para vencer estas barbeiras que há tanto tempo desafiam essa classe profissional.
- A prática oferecida pelas instituições, proporciona um mínimo de condições para um trabalho eficaz?

O papel da escola é fazer do indivíduo o cidadão; para tal, deverá proporcionar-lhe um nível de conhecimentos' que corresponda às suas necessidades e às necessidades do meio em que ele se refere. Isto equivale a oferecer ao educando condições para que participe das atividades de sua comunidade em termos de contribuição efetiva.

4) É necessário preparar o educador para trabalhar com alunos de classes sociais diferenciadas e prepará-los para incorporar no processo educativo, a experiência de vida e de conhecimento que qualquer aluno traz para a escola (...) incorporar a realidade vivida no ensino de línguas de Matemática, de História, de Geografia e de Ciências Físicas, possibilitando ao aluno progredir no conhecimento e partir do reconhecimento de sua, própria realidade.¹¹ (1)

Os altos índices demográficos que ocasionam a expansão da rede escolar e conseqüente burocratização do ensino, de certa forma condicionaram a marginalização do professor que deixou de tomar parte nas decisões mais amplas quanto a planejamento, currículo e avaliação, tornando-se um mero executor das orientações superiores. Daí a importância' do preparo profissional e político do professor para que e-

(1) Neidson RODRIGUES, Por uma nova escola, p. 83

Sente-se a importância da competência profissional do professor que consiste "... no domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno" além de se ter uma visão ampla e articulada dos aspectos da escola que envolvem a sua prática desde a organização dos períodos de aula até o currículo e métodos de ensino.

Para se conseguir essa competência profissional é que o processo de formação de educadores inclui componentes curriculares orientados para o tratamento sistemático do "que fazer" educativo, da prática pedagógica. Entre estes, a DIDÁTICA ocupa um lugar de destaque, assumindo no Curso de habilitação Específica de Magistério, o papel de assegurar o domínio das técnicas pedagógicas por meio de um trabalho teórico-prático que ofereça ao professor das quatro primeiras séries do 1º grau, os instrumentos que levam efetivamente ao rendimento quantitativo e qualitativo do trabalho escolar.

Partindo da análise do papel da Didática, vem se questionando o desempenho desse componente curricular na formação do professor, uma vez que o mesmo figura como uma disciplina prescritiva e normativa, que se fundamenta em modelos teóricos pré-estabelecidos e não em uma prática para a qual pretende prescrever.

... de uma posição tranquila em que dava por superada a afirmação da importância da Didática, seu papel passou a ser fortemente contestado.

le ocupe seu espaço, mantenha um certo grau de autonomia para ter condições de criticar e selecionar as orientações para a sua ação pedagógica.

Os cursos de formação dos professores muitas vezes baseados em compêndios e receituários não desenvolvem, no futuro professor, uma percepção crítica da realidade, dando-lhe uma formação superficial.

A formação do educador é um processo que precisa ser pensado e fundamentado na realidade, no que se faz no cotidiano. Como processo não se concretiza num momento e não se obtém exclusivamente por meio de treinamento em técnicas especializadas. É o resultado da reflexão sobre as condições históricas de uma realidade concreta, determinada para a qual o futuro professor deverá ser sensibilizado. É necessário que o curso proporcione teoria suficiente para uma ação orientadora-prática que permita pensar e organizar o trabalho de modo a atender as necessidades do aluno frente à sua comunidade.

¹¹ Um dos indicadores de que a expansão quantitativa no ensino elementar não se fez acompanhar de uma consideração adequada das novas exigências da clientela é exatamente o que ocorreu com a formação do professor nas reformas de ensino da década de 60 a 70.

Em primeiro lugar ela foi delegada à iniciativa particular sem a criação de mecanismos de controle da qualidade, em face de um mercado de trabalho em expansão com condições de absor

ver os profissionais que se formaram.

Em segundo lugar foi aligeirada em licenciaturas¹ curtas que certamente usurpam do futuro professor boa parte do conteúdo de suas áreas de especialidade.

Em terceiro lugar, ela se descaracterizou enquanto formação pedagógica, especialmente no que diz respeito ao professor polivalente das outras séries iniciais do 1º grau.

No bojo da reforma do 2º grau, a habilitação Magistério se desdobra em grades curriculares sofisticadas quanto à nomenclatura e vazias quanto ao conteúdo pedagógico.

A questão crucial da alfabetização, fica diluída¹ em uma carga horária insuficiente, para todas as metodologias.

Por outro lado ela manteve os vícios que sempre a caracterizaram: desvinculação entre as disciplinas de fundamentos e a realidade concreta da escola básica e entre ambas e as chamadas disciplinas práticas;

Desconsideração pelas características e necessidades da criança de origem popular, evidenciada por disciplinas de conteúdo abstrato ou importado de outras realidades, como é o caso da Psicologia: 'estágios realizados sem controle e supervisão adequados. (2)

(2) Guiomar Namo de MELLO, Magistério, Revista da Ande 4(7): 44

As principais acusações são de que seu conhecimento quando não inócuo, é prejudicial (3) - ou seja existe a "não contextualização", a "neutralidade" no ensino da Didática.

A acusação da inocuidade vem geralmente da parte de professores dos graus mais elevados de ensino, onde sempre vigorou a suposição de que o domínio do conteúdo seria bastante para ser um bom professor, (e talvez seja, na medida em que esses graus ainda se destinam a uma elite). A acusação de prejudicial vem de análises mais críticas das funções da educação, em que se responsabiliza a Didática pela alienação dos professores em relação ao significado de seu trabalho. (4)

Em virtude das inúmeras interpretações que tem sofrido a Didática ultimamente, em função de novas teorias e metodologias que surgiram, houve até uma tentativa de descaracterização desta disciplina pedagógica, classificada como técnica.

As dúvidas ainda permanecem, estão em discussão, o que desvaloriza o seu conceito como componente curricular dos cursos de formação do profissional do magistério.

Por enquanto ainda não se encontrou um substitutivo eficaz desta disciplina que proporcione segurança e rumo

(3) Vera Maria CANDAU, A distância e a formação de educadores: a busca da relevância, Ande 3 (6): 37

(4) Maria Umbelina Caiafa SALGADO, " O papel da didática na formação do professor", revista da Ande 1 (4): 16

aos professores.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política educacional vigente não atende à realidade e necessidade, principalmente, das populações economicamente menos favorecidas e cria um sistema educacional insuficiente.

Há necessidade de se procurar um aperfeiçoamento em todos os níveis do ensino, principalmente na alfabetização, cujo imenso fracasso é atribuído à subnutrição, baixa renda familiar e saúde precária das crianças.

Outros fatores contribuem para o sistema deficientes: má formação dos professores, desestímulo para o pessoal diretamente envolvido com a educação, devido aos níveis de salário e falta de condições materiais para desenvolver um trabalho educacional progressista.

Tanto através da linguagem que se fala como dos valores e costumes propostos, a escola responde a um contexto igual a dos grupos dominantes, os alunos provenientes da classe popular se sentem estranhos, especialmente aqueles que vivem em situações precárias.

Pode-se constatar que a escola limita-se a reproduzir no seu interior a desigualdade de oportunidade, que é a própria característica da estrutura social.

Alfabetização é conscientização; é preparar o aluno para a leitura crítica da realidade e não simplesmente dos símbolos gráficos.

É importante na alfabetização a relação entre pais e mestres (comunidade e professores); procurando resolver os problemas, apontando soluções sem crítica e sem superioridade numa relação de igualdade entre pais e mestres.

Na alfabetização deve existir uma posição horizontal do educador e educando, sem imposição, procurando criar o hábito da reflexão.

Questionando os problemas no atual sistema educacional, estabelecendo uma posição crítica, partindo para a transformação da realidade.

Procurando soluções atuais, pois uma determinada solução dada ontem, não seria a mesma a ser aplicada hoje, assim como a de hoje também não seria para amanhã.

Contestando e lutando por uma educação mais humana, para a transformação de um mundo mais humano.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- CANDAU, VERA MARIA. A didática e a formação de educadores a busca da relevância. Revista Ande, São Paulo, 3 (6): 37-41, 1983.
- JANNUZZI, GILBERTA MARTINS. Confronto Pedagógico (Paulo Freire e Mobral). 2ª Ed. São Paulo: 1983.
- LEITE, SERGIO ANTÔNIO DA SILVA. Alfabetização um processo Bem Sucedido. São Paulo: Edicion, 1982.
- MELLO, GUIOMAR NANO DE. Magistério. Revista Ande, São Paulo 4 (7): 41-5, 1984.
- RODRIGUES NEIDSON. Por uma Nova Escola. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.
- SALGADO, MARIA UMBELINA CAIAFA. O papel da didática na formação do professor. Revista Ande. São Paulo, 1 (4): 8-18, 1982.
- SOARES, GILDA MENEZES RIZZO. Os Diversos Métodos de Ensino da leitura e da Escrita. Rio de Janeiro: Papelaria América Editora, 1977.
- SILVA, EZEQUIEL THEODORO DA. Os Descaminhos da Escola. (2ª Ed.) São Paulo: Moraes, 1982.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BERGER, MANFREDO. Educação e Dependência. Porto Alegre: DIFEL, 1976.
- BITTENCOURT, MYRIAM FONSECA. Alfabetização uma Aventura para Crianças. Florianópolis: EDEME, 1981
- BRASLAVSKY, BERTA P. DE. Problemas de Métodos de Ensino na leitura. Trad. por Agostinho Minicucci. São Paulo: Melhoramentos, 1971
- CANDAU, VERA MARIA. A didática e a formação de educadores a busca da relevância. Revista Ande, São Paulo, 3 (6): 37-41, 1983.
- CUPERTINO, FAUSTO. Educação um Problema Social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FAURE, E/ LEGRAND, P/ ILLICH, I/ LOBROT, M/ VASQUEZ, A/ OURY, F/ BROCK, A/ PIVETIAU, D/ HAMELINE, D. Educação Hoje. Rio de Janeiro: Eldorado.
- FEIL, ISILDA TEREZINHA SAUSEN. Alfabetização um Desafio para um Novo Tempo. (6ª Ed.) Ijuí Vozes, 1986
- FREIRE, PAULO. Conscientização (Teoria e Prática da Libertação uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire) (3ª Ed.) São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. (5ª Ed.) Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LEITE, SÉRGIO ANTÔNIO DA SILVA. Alfabetização um Processo Bem Sucedido. São Paulo: Edicion, 1982
- LIMA, LAURO DE OLIVEIRA. O Impasse Na Educação. (2ª Ed.) Petrópolis: vozes, 1969.

- LOPES, WANDA ROLLIN ONHEIRO. Diagnóstico de Dificuldades na Aprendizagem da Leitura. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.
- MELLO, GUIOMAR NAMO DE. Magistério. Revista Ande, São Paulo 4(7): 41-5, 1984.
- NIDELCOFF, MARIA TERESA. Uma Escola Para o Povo. (14ª Ed.) São Paulo: Brasiliense S/A, 1982.
- REIMER? EVERETT. A Escola Está Morta. Trad. por Tony Thompson. Rio de Janeiro: F. Alves Editora, 1975.
- RIZZO, GILDA E ELIANDE SEGEY. Fundamentos e Metodologia da Alfabetização (Método Natural). (2ª Ed.) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- RODRIGUES, NEIDSON. Por uma Nova Escola. São Paulo, Cortez/Associados, 1985.
- SALGADO, MARIA UMBELINA CAIAFA. O Papel da didática na formação do professor. Revista Ande. São Paulo, 1 (4): 8-18, 1982.
- SÃO PAULO SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS. Subsídios para a implantação do Guia Curricular da Língua Portuguesa para o 1º grau. (3ª Ed.) São Paulo, 1981.
- SILVA, EZEQUIEL THEODORO DA. Os Descaminhos da Escola. (2ª Ed.) São Paulo Moraes, 1982.
- SOARES, GILDA MENEZES RIZZO. Os diversos Métodos de Ensino da Leitura e da Escrita. Rio de Janeiro: Papelaria América Editora, 1977.